

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.
GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA
Telefs. 36 69 12 - 32 64 54



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPrensa DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA		REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO	21. 01. 1979		



ESQUEÇO-ME DE QUE EXERÇO AS FUNÇÕES DE PRIMEIRO-MINISTRO

Confessando que muitas vezes se esquece de que é o Primeiro-Ministro, a eng. Maria de Lurdes Pintasilgo apresentou-se ontem perante as câmaras da TV como uma mulher igual a tantas outras, sentindo os problemas da vida real como toda a gente e, enfim, dando de si própria uma imagem

de simplicidade e naturalidade bastante invulgares aos olhos da opinião pública. Respondendo a todas as questões que o jornalista Joaquim Letria lhe dirigiu, Lurdes Pintasilgo retratou-se como mulher e política, vincando sobretudo, o quanto lhe repugnam os aspectos e aparato mais ou

menos artificiais, que normalmente caracterizam a vida dos responsáveis pela governação. Foi nesse sentido que confessou «muitas vezes esqueço-me de que exerço as funções de Primeiro-Ministro». Afirmando que não era uma tecnocrata, mau grado a sua formação de engenheira,

a Chefe do Governo deu a entender que poderia aceitar continuar a governar o País, caso as eleições não resolvessem a crise política. Contudo, ao mesmo tempo, a Primeiro-Ministro fez questão de salientar que só «com outras condições» poderia continuar em S. Bento. PÁGINA 6



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA		REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO	21. OUT 1979		

LURDES PINTASILGO NA TV:

HÁ NECESSIDADES QUE NÃO SE PODEM RESOLVER EM CEM DIAS

Fundação Cuidar o Futuro

A Primeira-Ministro Maria de Lurdes Pintasilgo declarou não pensar se aceita continuar como chefe do Executivo governamental após as eleições, numa entrevista que deu ao programa «Tal e Qual» da RTP-2, ontem à noite.

Entrevistada durante sessenta e cinco minutos, Lurdes Pintasilgo afirmou que «neste momento o que interessa é levar a bom termo os «100 dias».

Encarando a política como um serviço e não como uma profissão, a chefe do V Governo Constitucional considerou que é possível «chegar ao fim do mês de Novembro com um balanço positivo nas tarefas concretas que nos propusemos realizar», realçando no entanto que as necessidades de ordem económica, social e cultural do País, «são necessidades

que não se podem resolver em cem dias».

Declarando que não era tecnocrata, embora «tenha pela técnica uma enorme estima», Lurdes Pintasilgo, que durante a entrevista conduzida por Joaquim Letria «esqueceu» um pouco as realidades concretas deste País, observou que «é muito difícil ser Primeiro-Ministro quando se tem pouco poder».

Criticando a informação por estar extremamente voltada para o aparelho do Estado «enquanto a vida portuguesa é muito mais rica do que isso», Lurdes Pintasilgo desmentiu que estivesse a fazer um «tour de force».

«A convivência com os poetas tem sido uma convivência muito rica ao longo de toda a minha vida», declarou ainda

Maria de Lurdes Pintasilgo, quando interrogada acerca da citação frequente que faz, nos seus discursos, de extractos de poemas.

Confiante nosovens — «eles são já o século vinte e um que eu não viverei», diria — a Primeiro-Ministro declarou-se ia como católica identificando-se com uma Igreja ao serviço dos pobres, embora frisasse que tem sido hostilizada, em alguns domingos, quando vai à missa.

«Mas tenho também tido o apoio enorme de comunidades paroquiais, padres e leigos empenhados na confissão de Jesus Cristo», disse.

Esclarecendo que a função de Primeiro-Ministro pode ser exercida por qualquer um de nós, «desde que suficientemente sensibilizados para os problemas colectivos», Maria de Lurdes Pintasilgo, ao longo do retrato que fez de si mesma, declarou não ter ainda recebido por parte do povo qualquer hostilização por ser mulher e ocupar o cargo que ocupa.

«Da parte de certos sectores políticos é que tem havido uma crítica profundamente eivada de machismo, com textos contendo uma riqueza enorme de marialvismo», declarou.

Revelando que durante o ano de 1969, Marcelo Caetano a convidou para entrar para a então Assembleia Nacional, pela «Al. Liberal» tendo então recusado tal convite — embora aceitasse mais tarde ser mem-

bro da Câmara Corporativa —, Lurdes Pintasilgo, declarou que disse na altura ao então Primeiro-Ministro Caetano as razões que a levaram a tomar aquela atitude como o sejam o ter declarado a Marcelo que era contra a guerra colonial; a favor de uma distribuição mais justa da riqueza a caminho de uma via socializante e que não aceitava a corrupção da máquina do Estado.

Joaquim Letria leria na altura, uma carta de Marcelo Caetano publicada recentemente num jornal de S. Paulo, no Brasil, onde aquele ex-Primeiro-Ministro de antes do 25 de Abril fazia a defesa de Maria de Lurdes Pintasilgo, criticando assim, um artigo publicado em que a Primeiro-Ministro era associada indirectamente às «Três Marias», embora Caetano a criticasse por ter mudado tanto de 24 pra 26 de Abril.

Maria de Lurdes Pintasilgo que se mostrou um pouco surpreendida pela defesa que Marcelo Caetano dela fez publicamente «já que não aprovará certamente algumas atitudes minhas» e que a atitude de Caetano apesar da fraqueza das ideias diz da grandeza dos homens, considerou que «o meu percurso no tempo, tem sido um percurso que tem mudado com a História».

Entretanto, a Primeiro-Ministro Pintasilgo, afirmou ontem ao «Expresso» que só

considera o seu mandato terminado quando a nova Assembleia da República a eleger em 2 de Dezembro próximo, estiver instalada.

Respondendo a vinte das cinquenta perguntas que o semanário «Expresso» lhe endereçou, Lurdes Pintasilgo afirmou que o seu governo «é uma equipa simultaneamente pluralista e coesa, pragmática e idealista».

Acerca dos acontecimentos de Montemor, onde perderam a vida dois trabalhadores rurais, Lurdes Pintasilgo considerou que «não deixa de ser paradoxal que um Governo que se propôs «facilitar a clarificação e a normalização da vida política portuguesa indispensáveis à segurança da Nação», fosse precisamente aquele em cujo mandato o confronto relativo à zona de intervenção atingiu a expressão mais dramática».

A Primeiro-Ministro, que em Dezembro se deslocará ao Iraque, considera ainda que «analisando a correlação de forças existentes no país, não posso deixar de reconhecer que tenho uma proposta que considero válida e oportuna para a sociedade portuguesa».

Lurdes Pintasilgo não respondeu entre outras, a pergunta ligada à revisão constitucional, reforma agrária, descolonização e referendo por «falta de tempo», segundo se escreve no «Expresso».